Historia de Flores e Branca-Flor

Porto

1893

BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
PRESERVATION OFFICE
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

RLG GREAT COLLECTIONS
MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION
Master Negative Storage Number: OCI00047.20

Control Number: BCH-3187
OCLC Number : 07451530
Call Number : W 381.5698 P8381 no. 21
Title : Historia de Flores e Branca-Flor : seus amores e perigos que passaram por Flores ser mouro e Branca-Flôr Christã / traducção de O.A.
Imprint : Porto : Livraria Portugueza, 1893.
Format : 16 p. ; 24 cm.
Note : Cover title.
Note : Title vignette (woodcut).
Subject : Chapbooks, Portuguese.
Added Entry : O. A.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9/30/94
Camera Operator: AR

COLLECÇÃO DE HISTORIAS POPULARES
N.º 14

HISTORIA
DE
FLORES E BRANCA-FLOR

SEUS AMORES E PERIGOS QUE PASSARAM
POR **Flores** SER MOURO E **Branca-Flôr** CHRISTÃ

TRADUCÇÃO DE **O. A.**



LIVRARIA PORTUGUEZA—EDITORA
55—LARGO DOS LOYOS—56

PORTO—1893

HISTORIA DE FLORES E BRANCA-FLÔR

CAPITULO I

Conta-se quem eram os paes de Branca-Flôr e a promessa que fizeram d'ir em peregrinação a S. Thiago para que lhes concedesse filhos.

Na muito antiga e celebrada cidade de Roma vivia com grande ostentação um homem muito austero, nobre e rico e senhor de varias povoações e castellos. Chamava-se Micher de Percio e contrahiu matrimonio com uma fidalga e virtuosa dama de nome Topazia.

Celebraram-se as bodas com grandes festas e regosijos, por serem os noivos de muito alta e brilhante linhagem. Viveram os dous consortes com toda a harmonia de felicidade por espaço de quatro annos, sem outro desgosto além de não terem filhos; um dia conversando Micher Percio com a esposa deu-lhe a entender que o unico dissabor da sua vida era o de não possuir um herdeiro para os seus importantes haveres. A isto respondeu humildemente Topazia que o mesmo desgosto a affligia; porém via que o remedio não se achava na sua mão. Accrescentou que se seu marido consentisse, faria ao Apostolo S. Thiago, a promessa de, no caso de se sentir gravida, ir visitar o seu santuario e depositar lá uma custosa offerenda para adorno do templo. Micher Persio, que experimentava a mesma anciedade de ter um filho, respondeu que poderia prometter ao Santo Apostolo aquillo que quizesse, porque elle concordaria. Com este consentimento, a virtuosa senhora prometteu a S. Thiago visitar com o esposo o seu santo templo e levar-lhe uma lampada no valor de quatro mil escudos d'ouro, no caso de dar á luz um filho.

Ainda não tinham passado trinta dias quando Topazia se sentiu gravida e em consequencia d'isso mandou Micher Persio que se começasse a trabalhar na lampada que Topazia offerecera ao glorioso S. Thiago, mais ainda determinou que se fizesse uma rica colgadura de especialissimo brocado de ouro. Logo que a lampada e a colgadura ficaram promptas, Persio começou a dispôr tudo para a sua peregrinação. Para esse fim mandou chamar todos os seus parentes e familiares e disse-lhes:

—«Parentes e amigos meus; conhecem a promessa feita ao Apostolo S. Thiago a qual é necessario cumprir, visto o estado de gravidez em que se acha Topazia. Resolvi que só nós dous e a pé, como se fossemos as pessoas mais pobres do mundo, façamos esta romaria—pois assim o prometti e assim o cumprirei. Em vista d'isso e estando para muito breve a nossa partida, peço-lhes encarecidamente que olhem pelas minhas terras, Estados e vassallos, administrando-os com prompta e recta justiça até que eu e minha querida esposa regressemos da nossa peregrinação».

Ficaram todos admirados ao vêr que Micher e Topazia se decidiam a fazer a pé e sós tão distante romaria; porém conhecendo que a resolução era inabalavel, offereceram-se todos para cumprir devidamente a tarefa que ficava a seu cargo e no dia seguinte tomando os seus bordões e esclavinas partiram de Roma, Micher e a formosa Topazia.

CAPITULO II

Micher Persio e sua esposa Topazia vão em habitos de peregrinos visitar o Apostolo S. Thiago —Embarcam e são feitos captivos dos mouros morrendo o desventurado Micher Persio.

Com grande incommodo por causa do muito calor que fazia, partiram de Roma os dous peregrinos Micher e Topazia que por serem pessoas de habitos delicados, caminhavam com immenso custo.

D'esta forma seguiram por alguns dias até chegar ao primeiro porto de mar, no qual encontraram uma embarcação que levava o rumo que elles convinha; pagaram os seus logares a bordo e no dia seguinte o navio fez-se de véla. Oito dias navegaram com vento favoravel e sem incidente algum; porém ao nono dia descubriram ao longe quatro galeras de mouros corsarios os quaes vendo uma unica embarcação a cercaram e esta sem se poder

defender, foi apresada e captiva; porém, por desgraça, uma das balas que os mouros atiraram acertou no peito de Micher Persio que cahiu, expirando nos braços da sua querida esposa. Estando esta lamentando a sua desditosa sorte e dizendo palavras sentidas e ternas ao cadaver de seu marido, chegaram os impios, tiraram-lhe dos braços o corpo do consorte, atiraram-no ao mar e levaram a ella para uma das suas galeras, as quaes foram com a sua presa para Argel onde os mouros desembarcaram, indo apresentar-se ao rei que se divertia n'uma propriedade situada a duas leguas da cidade. Contando-lhe o apresamento que haviam feito, entregaram-lhe a formosa captiva Topazia. Quando o rei viu a belleza e o ar modesto de Topazia, agradeceu muito o presente e immediatamente mandou a quatro capitães da sua guarda que com cem homens levassem Topazia e a entregassem á rainha sua mulher em cuja companhia devia ficar até que o soberano regressasse ao seu palacio. Para que a rainha lhe désse o destino que correspondia á sua cathegoria, elle escreveu a seguinte carta:

Carta do rei mouro á rainha sua mulher

MINHA QUERIDA:

Julgando que te será de muito agrado, remetto-te essa captiva christã que as minhas galeras apresaram hoje; é bella, de lindas fórmas e discreta, circumstancias que decerto te impressionarão bem. Allah te conserve por muitos annos como o deseja o teu esposo.

EL-REI.

Logo que os capitães chegaram com Topazia á presença da rainha, foi tamanho o agrado em que ella ficou ao ver a formosa christã, que a recebeu com grandes attenções e singulares caricias, chegando ao extremo de não apartar um momento os olhos do rosto d'ella nem se achar um só instante sem Topazia. Mas como a bella Topazia se via viuva e captiva, nenhum carinho bastava para mitigar as suas amarguras e quando se achava só dizia com muita mágoa:—«Oh! fortuna desigual! Oh! mal sem remedio! Oh! Topazia com que má estrella nasceste! Que peccados foram os teus pelos quaes te vieram tantos tormentos. Depois de matarem o teu marido vês-te só e captiva! Que foi feito das tuas riquezas, dos teus escudos e dos teus vassallos que nunca mais tornarás a vêr? Oh! sorte infausta a que estado me reduziste! Antes quizera morrer immediatamente do que continuar em tão penoso captiveiro!» Estas e outras queixosas palavras dizia muitas vezes a angustiada Topazia e ouvindo-a um dia a rainha, consolou-a n'estes termos:—Irmã minha: basta já de soffrer e penar. Não te desconsoles nem desesperes que por Mafoma te juro auxiliar-te e proteger-te em tudo o que estiver ao meu alcance. Dize-me quem és e porque motivo te achas em meu poder».

A formosa Topazia agradeceu muito á rainha a attenção com que a tratava e banhada em lagrimas lhe contou (sem em nada faltar á verdade) quem era e o motivo do seu captiveiro. Informada a rainha da triste sorte de Topazia, tornou a offerecer-lhe muito condoída a sua protecção e amizade. Foi tanta a affeição que a rainha tomou a Topazia que não se fazia em palacio senão o que a bella christã determinava.

CAPITULO III

Favores que a rainha moura fazia a Topazia.—A captiva dá á luz uma menina a quem pozeram o nome de Branca-Flôr.—Morte de Topazia e outros acontecimentos.

Em fraternal amizade viviam a rainha e Topazia e um dia em que as duas estavam passeando no jardim reparou a rainha que Topazia tinha o ventre saliente e disse-lhe: —«Parece-me que estás gravida como eu». Ao que respondeu Topazia:—«Oxalá assim não fôra; pois por causa da minha gravidez, parti a cumprir a promessa de que te fallei e que deu causa a todos os meus males».

Logo que a rainha soube o estado de Topazia, mandou dispôr todo o enxoval para quando nascesse a creança, empregando-se os mesmos tecidos que se destinavam ás roupas para o filho da soberana. Topazia, agradecida a tantos favores, entreteve o tempo que lhe ficou até ao parto, em bordar a ouro uns vestidinhos de brocado fino, que ficaram tão

lindos como n'aquelle paiz não havia outros iguaes. Quando os terminou, offereceu-os á rainha que gostou muitissimo d'elles.

Tinham passado os nove mezes da gravidez da rainha e de Topazia quando no primeiro dia da Paschoa de Flores, ao amanhecer, deu a rainha á luz um menino muito bonito; e no mesmo dia, ás quatro horas da tarde pariu Topazia uma menina tão parecida com sua mãe que era um vivo retrato d'ella. A rainha mandou que a seu filho se pozesse o nome de Flores e para satisfazer em tudo Topazia consentiu que a filha d'ella fosse secretamente baptisada, recebendo por indicação da mãe o nome de Branca-Flôr. Topazia tinha a sua cama perto do quarto da rainha e as mesmas amas que creavam o infante Flores, creavam Branca-Flôr. Com identico esmero com que tratavam a rainha, cuidavam de Topazia e embora todas estas considerações consolassem um pouco a prisioneira, esta ao pensar nos seus Estados e vassallos e meditando que a filha nascera na mesma escravidão que ella, era tamanha a sua pena que, sem poder conter-se, chorava amargamente a sua desgraça.

A rainha ao vêl-a triste e chorosa dizia: «Irmã minha, não te afflijas, conheces o muito affecto que te tenho pelo qual farei tudo o que quizeres; tua filha fica sob a minha protecção e não desesperes porque Allah tudo hade remediar». Estas provas de estima deviam consolar Topazia, porém a sua dôr era d'aquellas que nunca mitigam.

Observando a rainha que Topazia se achava doente, peorando cada dia, mandou chamar os seus medicos que com o maior escrupulo e attenção a trataram. Porém aggravando-se a enfermidade e vendo-se a captiva nos ultimos instantes da sua vida, pediu á rainha que lhe fizesse trazer sua filha Branca-Flôr. Tomando-a nos braços disse-lhe com muitas lagrimas:—«Oh! minha filha! foste a causa da morte de teu pae e da minha perdição! Oh! tão cara me ficaste!» Voltando-se para a rainha, disse-lhe enternecidamente:—Rainha e senhora minha: a pobre escrava supplica-lhe que não se esqueça de proteger esta infeliz creança e tambem lhe pede que logo que eu morra, o que será muito breve, mande que o meu corpo seja sepultado no logar onde se enterram os christãos». Proferindo estas palavras teve uma syncope e não tardou muito a entregar a alma ao Credor, murmurando: *Jesus, Maria e José!*

CAPITULO IV

Sentimento que a rainha teve pela morte de Topazia.—A esmerada educação que deram a Flores e a Branca-Flôr.

Logo que Topazia expirou, dispoz a rainha que se effectuasse um sumptuoso funeral n'uma das igrejas dos christãos e foi tão grande o sentimento que experimentou com a morte da sua querida companheira que muitos dias não cessou de chorar; por mais que se empenhassem em distrahil-a, conservava-se sempre triste e pensativa, sem poder esquecer a sua estremecida Topazia. Ordenou que tratassem de Branca-Flôr com esmero igual que a seu filho e assim se fez até que Flores e Branca-Flôr tiveram tres annos. A esse tempo mandou a rainha que uma aia se incumbisse de os educar convenientemente.

Eram os dous tão parecidos um com o outro que todos os que os olhavam os suppunham irmãos, e elles votavam-se tanto carinho que o rei e a rainha achavam-se pasmados da maneira affectuosa como se tratavam não consentindo em separar-se um só instante. D'esta maneira se crearam até á idade em que foi necessario dar a Flores um aio para que o instruisse como precisava, obrigando-o aos estudos correspondentes a um principe. A Branca-Flôr deram uma aia para a ensinar as prendas que costumam aprender as meninas de alta qualidade. A Flores deram como aio um sabio mouro chamado Mohamad; a Branca-Flôr tocou como aia a filha d'um renegado, que se creára em palacio desde que nascera. Ella era christã sem que ninguem o soubesse e como a aia não ignorava que Branca-Flôr era tambem da sua religião, tratou com mais insistencia nos mysterios da nossa santa fé catholica, do que em ensinar-lhe bordados. Usava no entanto com toda a cautella, porque se descobrissem a sua conducta, a sua vida ficaria em perigo.

A menina elucidou-se bem nos principaes dogmas da nossa santa religião. D'esta fórma, iam Flores com o seu aio e Branca-Flôr com a sua aia, porém era tanto o amor que se tinham, que não podiam passar um dia sem se vêr e nas suas preoccupações de coração Flores nada aproveitava com os estudos. Notando isto, Mohamad avisou o rei da pouca applicação com que o principe se entregava aos estudos, em consequencia do desassocego em que andava por causa de Branca-Flôr. Ouvindo isto, o rei determinou que o principe fosse estudar para fóra da côrte, pois não havia outro meio de o fazer esquecer da sua amada.

Tomando esta resolução, o rei chamou o filho e disse-lhe o seguinte:

—«Meu querido filho: Áquelle que um dia tem de ser rei, é indispensavel aprender o meio de cuidar dos seus vassallos. Tu és principe e herdeiro da minha corôa e portanto cumpre-te preparares-te para, chegando o momento de reinar, saberes como te cabe proceder. N'esse intuito escolhi-te um aio muito sabedor e prudente que te dará a instrucção precisa. Mas tu esquecendo quem és e embevecido nos teus amores com Branca-Flôr, nada aprendes. Por isso e para me não vêr na necessidade de tirar Branca-Flôr do palacio, decidi que vás estudar para a cidade de Montorio, oito leguas distante da côrte. Prepara-te para fazer esta viagem e não me dês desgosto, porque do contrario, terei de proceder de certa maneira para com Branca-Flôr.

O principe Flores sentiu muito a resolução do pae, mas vendo que não havia remedio senão sugeitar-se a ella, pois que se resistisse, quem pagaria, seria Branca-Flôr innocentemente, dissimulou o pezar e respondeu ao rei:

—«Senhor: Estou prompto a obedecer a tudo quanto Vossa Magestade me ordenar. Portanto irei para Montorio, com muito gosto, ou para outro ponto que me indicar. Conseguintemente, póde Vossa Magestade, se assim o entender, marcar a viagem para ámanhã mesmo.

N'aquella noite, valendo-se d'algumas aias da rainha, teve Flores meio de visitar Branca-Flôr a quem, com muitas lagrimas fallou n'estes termos:

—«Minha querida Branca-Flôr: A minha má sorte permittiu que o rei meu pae, seguindo o conselho do meu aio Mohamad, me separe da tua amavel presença, pois me mandou que vá estudar para Montorio. É-me indispensavel obedecer ao que o rei determina, mas pódes ficar certa de que, embora me aparte da tua vista, o meu coração e todo o meu sêr te pertencem. Juro-te isto por Mafoma!

Branca-Flôr não esperava semelhante noticia. Com muitos suspiros e lagrimas pediu a Flores que a não esquecesse, pois que ella sempre lhe pertenceria. Em testemunho d'isto deu a Flores um lindo annel.

Em amoroso colloquio passaram a maior parte da noite e vendo que a aurora não tardaria, Flores para não ser surprehendido alli, retirou-se, fazendo mil protestos d'amor á sua querida namorada.

Na manhã seguinte partiu o principe com grande comitiva para Montorio onde, ao cabo de seis mezes, durante os quaes escreveram os dous muitas cartas, não podendo Flores supportar mais a ausencia da sua formosa Branca-Flôr, adoeceu d'uma enfermidade tão exquisita que nenhum medico a entendia. Chegando isto ao conhecimento do rei, resolveu este chamar o filho á côrte para vêr se mudando de terra recuperaria a saude.

Chegou o principe ao palacio e poucos dias depois com a presença de Branca-Flôr, achava-se restabelecido da sua doença. Vendo-o o rei já restabelecido, tornou a mandal-o para Montorio afim de continuar nos seus estudos, porém em breve enfermou de novo do mesmo mal.

Percebendo o aio Mohamad que a doença do principe provinha da ausencia de Branca-Flôr, a vêr se o distrahia, ordenou que se realisassem festas, torneios e montarias. Mas observando que tudo era inutil e que a enfermidade do principe cada dia se aggravava mais, decidiu escrever ao rei, declarando-lhe que a falta de saude do principe tinha por causa o muito amor que elle dedicava a Branca-Flôr.

Assim fez; e informado o rei d'aquillo que

já suspeitava e que agora lhe era de todo confirmado por Mohamad, pensou em procurar um pretexto para tirar a vida à Branca-Flôr, julgando este o unico modo de cortar com os amores do principe e portanto livral-o da sua enfermidade. Resolveu por isso consultar o seu conselheiro.

CAPITULO V

Sentença que por el-rei e os do seu conselho se deu a Branca-Flôr para que ella fosse queimada. — Flores sahe victorioso n'um combate e consegue livrar a sua amada do supplicio.

No dia seguinte áquelle em que recebeu a carta de Mohamad o rei chamou o seu conselheiro particular e disse-lhe estas palavras:

— Sei bem, meu amigo, o muito apreço em que sempre te teve meu pae. Não ignoras que tambem te considero muito, porque as mercês que te conferi, manifestaram o meu agrado. Em vista d'isto, espero da tua lealdade que me prestes um enorme serviço. E' elle o seguinte: a captiva Branca-Flôr tem desde algum tempo meu filho tão enlouquecido d'amores, que por esse motivo o tirei do meu palacio e o mandei para Montorio, pensando que com a ausencia acabaria aquella paixão. Porém succedeu o contrario, e o principe acabou por adoecer de tal maneira que, se o não chamasse á côrte, morreria. Logo que se restabeleceu — mais com a presença da captiva do que com a dos paes — voltou para Montorio e não tardou a adoecer do mesmo mal, e tanto que se encontra n'um estado deploravel. Tu sabes que estes amores não devem continuar, porque um principe de Argel de modo algum deve casar com uma pobre escrava, filha de paes de religião contraria á nossa. Como o que importa muito é a saude do principe, sou de parecer que se tire a vida a esta escrava, pondo-se assim termo aos amores do principe e evitando-se qualquer damno que podesse sobrevir.

O conselheiro ouviu attentamente estas palavras do rei e depois respondeu:

— «Senhor, estou prompto a executar tudo o que seja em serviço de Vossa Magestade. Porém antes acho conveniente procurar um delicto de que se accuse Branca-Flôr afim de que o conselho a condemne á morte. A mim parece-me que o meio mais facil e seguro é envenenar uma gallinha; quando Vossa Magestade estiver á meza, apparecerá um pagem trazendo a gallinha de parte de Branca-Flôr. Vossa Magestade ordenará que se dê um bocado a um cão e, vendo morrer este, poderá accusal-a de tentativa de envenenamento.»

Approvou el-rei o alvitre do conselheiro e este retirou-se para ir arranjar uma gallinha nas condições indicadas.

Chegada a hora de jantar no dia seguinte, trouxe o pagem a gallinha e tudo succedeu como o conselheiro impostor havia tramado. De fórma que, prorompendo o rei em gritos de *trahição! trahição!* se alvoroçou toda a gente do palacio e averiguada a causa, accusou-se a innocente Branca-Flôr que foi logo presa. Sem mais justificação notificaram-lhe a sentença que a condemnava a ser queimada dentro de tres dias.

A rainha que ignorava toda a trama, lamentava por uma parte Branca-Flôr e por outra aborrecia-a em razão do amor que votava ao marido.

Todo o pessoal do palacio estava assombrado com a noticia; porém quem mais a sentiu era a aia que educava a pobre menina. Fez o acaso que estando ella só e sem luz na noite em que prenderam Branca-Flôr e fazia oração n'um quarto escuro do palacio, ouviu fallar dous homens a pequena distancia d'ella. Applicou o ouvido e embora fallassem em voz baixa, reconheceu o conselheiro e o pagem; este compadecido da captiva, accusava a injustiça incrivel que se commettia. Os dous affastaram-se e a aia informada da innocencia de Branca-Flôr, no dia seguinte mandou um aviso secreto ao principe, contando-lhe o que se passava e a terrivel situação em que a desventurada menina se achava.

Logo que o principe recebeu a carta, sem ser visto do aio Mohamad, armou-se e montou a cavallo, partindo em direcção á côrte. Antes de entrar na cidade viu um tablado em que se accumulava muita lenha. Perguntou a uns homens qual o fim d'aquella lenha; responderam-lhe que era para queimar uma escrava do rei que o quizera matar com uma gallinha envenenada. Ficou sabendo o prin-

cipe que era alli o local de supplicio de Branca-Flôr e resolveu aguardar para impedir a morte da sua amada.

Não tinha passado uma hora quando o principe Flores viu sahir pela porta da cidade muita tropa á frente da qual apparecia o conselheiro e diversas auctoridades. A formosa Branca-Flôr vinha vestida de negro e avergada ao peso d'uma grossa corrente de ferro. Chegando proximo do tablado, a desolada Branca-Flôr lançou-se de joelhos e cruzando as mãos fez ao céo a seguinte devota préce:

— «Meu Deus e Senhor meu que por tua infinita bondade te dignaste tomar fórma humana para salvar os peccadores, tem misericordia d'esta miseravel creatura que injustamente morre».

Ainda não tinha acabado esta oração quando, agarrando-a os algozes para a arremessar á fogueira, interveio Flores e como um leão enfurecido chegou até onde se achava a desditosa Branca-Flôr e tomando-lhe da mão, tirou-a d'entre os seus inimigos, bradando:

—Qualquer infame cavalleiro que queira sustentar em combate publico que é verdadeiro o delicto d'esta mulher, que saia e eu defenderei o contrario corpo a corpo.

O conselheiro que era o accusador e a quem de dever tocava o desafio, respondeu:

—Cavalleiro, quem quer que sejaes, acceito o desafio que me fazeis, logo que o rei meu senhor dê licença para isso. Esperae-me aqui, porque em breve voltarei e se obtiver a auctorisação que desejo, depressa vos arrependereis de ter provocado o duello.

O conselheiro partiu, deixando alli Branca-Flôr com toda a tropa e auctoridades; tendo contado o succedido ao rei, admirou-se este muito de que houvesse cavalleiro tão atrevido que se oppozesse ás suas ordens.

Mandou o soberano reunir todos os membros do seu conselho e communicando-lhes o que o conselheiro accusador dissera, perguntou-lhes o que lhe pertencia fazer no caso sugeito. Retorquiram todos que Sua Magestade não podia deixar de admittir o desafio do cavalleiro, pois do contrario pensar-se-hia que a sentença fôra mal dada e isto seria um descredito para a Corôa.

Não queria o rei consentir no duello temendo qne, como a sentença era injusta, o conselheiro fosse vencido e talvez se descobrisse a verdade; porém vendo que não havia outro remedio e confiando afinal na valentia e na destreza do seu ministro, deu-lhe licença para que no dia seguinte se batesse com o cavalleiro. Determinou-lhe que no entretanto Branca-Flôr ficaria sob a guarda de dous cavalleiros dos mais nobres da côrte, sendo um escolhido pelo accusador e o outro pelo defensor. Esses mesmos dous cavalleiros serviriam de padrinhos no duello que tinha de se realisar.

Mandou mais o rei ao seu ministro que participasse isto ao cavalleiro afim de nomear um guarda para Branca-Flôr e tambem afim de não faltar no dia seguinte ao desafio.

Emquanto o rei dava estas ordens ao conselheiro, a affiicta Branca-Flôr sem conhecer o seu defensor Flores porque este tinha a cara coberta com a viseira, contava-lhe entre lagrimas e suspiros a falsa accusação que o aleivoso ministro lhe fizera; o principe respondeu-lhe que não se angustiasse porque elle a arrancaria d'aquella situação terrivel e castigaria os infames. Ia continuar Branca-Flôr a sua historia, quando se notou que chegava a toda a pressa o ministro. Este logo que attingiu o tablado disse:

—«El-rei, meu senhor, usando de toda a sua magnanimidade, manda que diga ao cavalleiro defensor da condemnada, que ámanhã se deve bater comigo e que de agora até então, Branca-Flôr ficará sob a guarda de dous cavalleiros dos mais nobres d'esta côrte; um d'elles escolhel-o-hei eu e o outro será quem o meu adversario quizer. Esses dous cavalleiros servirão ainda de padrinhos no duello. Portanto espero a resposta do cavalleiro defensor para immediatamente a ir communicar a Sua Magestade.

Tendo ouvido a falla do ministro, Flores replicou:

—Diga de minha parte a El-Rei que lhe beijo as mãos por tão attencioso favor; quanto a escolher padrinho e depositario de Branca-Flôr, faça-o Sua Magestade d'accordo com o conselho. Para aquelle que defende a verdade qualquer padrinho lhe basta.

Com esta resposta voltou o ministro ao pa-

lacio, levando Branca-Flôr entre grande escolta. Informado o rei do que o cavalleiro respondera, escolheu para padrinho um velho fidalgo da sua côrte e o ministro designou outro, ficando a guarda de Branca-Flôr incumbida aos dous.

Flores como não fôra reconhecido passou aquella noite n'uma casa de campo pouco distante da cidade e esperou com impaciencia a chegada do momento de decidir-se a sorte da sua amada.

CAPITULO VI

Grande combate entre o ministro e Flores, ficando morto o primeiro.—Branca-Flôr acha-se livre e Flores regressa a Montorio sem ser conhecido de ninguem.

No dia seguinte, pela manhã, mandou o rei chamar os padrinhos e Branca-Flôr e todos juntos com grande escolta e apparato se dirigiram para o sitio marcado para o combate, —que era o local do supplicio. Chegando alli fez o rei lançar um pregão ameaçando de morte todo aquelle que ousasse auxiliar um ou outro dos contendores. Depois ordenou que avançassem os dous cavalleiros e os seus padrinhos ladeando estes Branca-Flôr que montava um cavallo branco.

Posto tudo em ordem, e sentando-se o rei com os do seu conselho n'um tablado, deu-se o signal de accommetter; os dous combatentes cahiram um sobre o outro com violencia, não sendo porém de vantagem para nenhum este primeiro encontro. Voltando a insistir, deu o ministro um golpe a Flores que este aparou no escudo, mas esteve para cahir do cavallo. Felizmente conseguiu aguentar-se e atirou ao conselheiro um tão forte golpe de lança que o derribou do cavallo.

Flores apeou-se com muita pressa e desembainhou o alfange para cortar a cabeça ao adversario. Vendo-se perdido, o ministro supplicou a Flores que o deixasse levantar. Flores, levado pela sua nobreza e valentia deixou-o erguer-se. Tornando os dous a montar nos respectivos cavallos, tomou o ministro uma grossa lança. Avançou depois para o principe como um leão em furia e jogando-lhe um golpe arrancou-lhe grande parte da viseira. Com a violencia da lançada, Flores cahiu ao sólo e o ministro apeou-se para o acabar; mas o principe recuperou forças, ergueu-se e arrancando do alfange accommetteu o adversario com tal furor que o ministro se viu em grande embaraço para se defender. Por algum tempo combateram raivosamente, porém Flores levava o melhor na peleja.

Fatigado, o ministro pediu treguas para descançar um pouco, porém Flores em vez de lh'as conceder, apertou o adversario mais de rijo, até que finalmente matou o conselheiro com um terrivel golpe na cabeça.

Vendo isto o padrinho de Flores apresentou-se perante o rei e o conselho pedindo que se tornasse publica a victoria do seu cavalleiro e se désse a liberdade a Branca-Flôr, segundo era uso e costume. El-rei mandou que assim se fizesse e com grandes applausos festejou todo o publico a victoria do cavalleiro desconhecido e a liberdade de Branca-Flôr. Tudo isto causava enorme desgosto ao rei que no entanto não deixava perceber a sua irritação.

Terminadas as acclamações do povo, approximou-se Flores do tablado onde se achava o soberano e fazendo uma profunda reverencia pediu-lhe que protegesse Branca-Flôr, acreditando na sua innocencia.

Branca-Flôr agradecida a tamanha dedicação da parte d'aquelle cavalleiro, achegou-se d'elle e disse-lhe:

—Cavalleiro, rogo-lhe que me diga quem é para eu conhecer o nome do meu defensor e para que Flores premeie um dia tão galharda acção.

O cavalleiro respondeu em voz muito baixa:

—Branca-Flôr, vou para onde está Flores e dir-lhe-hei tudo o que se passou.

N'isto levantaram-se o rei e os do seu conselho e retiraram-se com Branca-Flôr que era muito felicitada pelo povo. Flores sem ter sido reconhecido por pessoa alguma, partiu para Montorio; antes de chegar lá deixou n'uma casa de campo o cavallo e as armas e depois entrou no palacio onde encontrou o aio Mohamad que estava muito preoccupado com a ausencia do principe. Havia já enviado alguns mouros em sentidos diversos a procurar Flores; vendo-o entrar no palacio, correu para elle alegremente sem se atrever a perguntar d'onde vinha e o motivo da sua ausencia.

Deixemos Flores em Montorio com seu aio e voltemos para junto do rei que irritado contra Branca-Flôr, por não ter conseguido o seu torpe intento, não deixava de machinar trahições, embora tirar-lhe a vida, ainda que com veneno, fosse agora perigoso para elle.

Afinal, e por conselho da rainha sua mulher, determinou vender Branca-Flôr.

CAPITULO VII

El-rei manda que levem Branca-Flôr para terras estrangeiras e ahi a vendam—O principe Flores parte do seu palacio para Alexandria em seguimento de Branca-Flôr.

Resolvendo el-rei que vendessem Branca-Flôr, com muito sigillo mandou a um camarista seu que á meia noite para não ser visto de ninguém, com dous creados tirasse a captiva do palacio e a levasse para terras distantes onde a podesse vender sem que ninguem soubesse quem era nem a sua procedencia.

O camarista obedeceu ao mandado do rei e n'aquella mesma noite, Branca-Flôr foi tirada do palacio e conduzida a caminho de Tunis. Tendo chegado ao porto acharam n'elle um navio no qual iam dous ricos mercadores que percorriam as provincias comprando mulheres bonitas para abastecer o harem do vice-rei do Egypto; aos mercadores propuzeram logo os criados do rei mouro se queriam comprar uma formosa captiva. Elles responderam que se lhes agradasse a comprariam. O camarista mostrou-lhes Branca-Flôr e os mercadores ficaram tão encantados com a belleza e esbelto talhe d'ella, que deram logo o dinheiro pedido. O camarista voltou a participar ao rei o resultado da sua commissão e o navio em que iam os mercadores levantou ancora e seguiu com rumo a Alexandria onde chegou pouco tempo depois.

Logo que saltaram em terra, os mercadores resolveram ir apresentar a captiva ao vice-rei a vêr se este a quereria comprar. Levaram-na com effeito e o vice-rei logo que a viu ficou tão enamorado d'ella que sem reparar na somma, pagou por Branca-Flôr o que os traficantes lhe pediram. Mandou-a recolher ao serralho onde tinha cem captivas, as mais formosas que se tinha podido encontrar e que ali eram servidas e attendidas como rainhas.

N'este serralho, guardado por vinte eunuchos, só o vice-rei entrava. Foi tamanho o apreço em que elle tomou Branca-Flôr que a mandou ficar separada das outras, embora no mesmo edificio, pois pensava com o tempo ir conquistando o coração da linda captiva. Por isso excedia-se em galanterias, attendia-a e presenteava-a de preferencia ás outras favoritas; porém Branca-Flôr desdenhava dos seus galanteios porque nada podia consolar a tristeza do seu espirito amargurado, tendo perdido já a esperança de tornar a vêr o seu querido Flores por quem o seu coração constantemente suspirava em segredo.

Deixaremos Branca Flôr no harem e voltaremos a tratar do rei d'Argel que logo que soube pelo seu camarista que Branca-Flôr havia sido vendida, mandou chamar Flores á côrte e para que não estranhasse esta ordem fingiu-se enfermo. A rainha enviou um emissario a Flores, declarando-lhe que não se demorasse em regressar porque seu pae se achava bastante incommodado.

Logo que o principe recebeu esta noticia, sem outra companhia além da do emissario partiu para a côrte, indo encontrar o pae na cama; depois de lhe beijar a mão e de lhe significar sentimento pela sua doença, passou aos aposentos da rainha que o recebeu com muito carinho e lhe perguntou como ia nos seus estudos. Flores respondeu-lhe como era verdade, porém tendo passado bastante tempo sem que visse apparecer Branca-Flôr, começou a sobresaltar-se e fingindo uma necessidade de sahir, despediu-se da mãe. Andou por todo o palacio procurando Branca-Flôr e não a encontrando, foi ao quarto da aia que a educara e em quem Flores confiava muito. Com grande anciedade perguntou-lhe o que era feito de Branca-Flôr. A aia respondeu:

—«Senhor, ha já quinze dias que um camarista e dous creados a levaram d'aqui, regressando sem ella ultimamente».

Flores ficou tranzido ao ouvir o que a aia lhe disse e foi preciso todo o seu valor para não cahir desmaiado. Recuperando alento, disse com um suspiro:—«Juro por Mafoma que tirarei a vida ao trahidor que roubou Branca-Flôr, se não me confessar o seu paradeiro»!

Pronunciando estas palavras sahiu arreba-

tadamente do quarto da aia. Foi procurar o camarista e só o encontrou fóra do palacio. Declarando-lhe que tinha a tratar com elle um negocio d'importancia, levou-o para um sitio isolado e lá disse-lhe: —«Jurei pelo propheta Mafoma que te tiraria a vida, se não me dissesses a verdade no que te vou perguntar: sei que tu e dous creados sahistes do palacio, ha quinze dias com Branca-Flôr e que regressastes ha pouco sem ella. Quem me disse isto, sabe-o perfeitamente e portanto seria escusado negar. Declara-me onde deixaste essa menina e juro-te por quem sou guardar esse segredo até á morte. Se te negares a fallar verdade arrancar-te-hei a vida».

O camarista ficou attonito ao ouvir Flores; e suppondo que elle sabia tudo, lançou-se aos pés do principe, pedindo-lhe perdão e dizendo-lhe que levára Branca-Flôr porque o rei assim o determinára, não tendo elle por conseguinte culpa alguma.

Flores fêl-o levantar e offerecendo-lhe a sua amizade, pediu-lhe que lhe contasse o caso, sem occultar pormenor algum. O camarista referiu-lhe como vendera Rosa-Branca em Tunis a uns mercadores que iam para Alexandria. Accrescentou que ouvira dizer a estes que tencionavam vender a captiva ao vice-rei.

Flores despediu-se do camarista e n'aquella mesma noite reuniu uma grande somma de dinheiro e muitas joias de inestimavel valor e tomando um cavallo, sem que ninguem o presentisse, sahiu da cidade, em direcção a Alexandria, seguindo só de noite e por caminhos escuros afim de não ser visto de ninguem. De fórma que no dia seguinte, notando a sua ausencia, procuraram-no por diversos pontos, não chegando porém a descobrir-lhe o paradeiro.

Flores continuou acceleradamente a sua viagem, chegando em breve a Alexandria.

CAPITULO VIII

Entra Flores como pagem ao serviço do vice-rei. — Acha meio de communicar com Branca-Flôr. — Os dous amantes conseguem fugir n'uma embarcação.

Quando Flores entrou em Alexandria e soube ao certo que Branca-Flôr estava no palacio do vice-rei, foi ao porto, comprou uma embarcação, equipou-a da gente necessaria e abasteceu-a de viveres e mandou aos tripulantes que esperassem por ordens d'elle.

Feita esta prevenção, procurou meio de entrar a servir como pagem do vice-rei; conseguindo isto, como Flores sabia muito bem o meio de se comportar na côrte, servia o vice-rei com tanta intelligencia que em pouco tempo grangeou a sua estima, não se separando quasi nunca d'elle; um dia, o vice-rei indo visitar o harem levou o pagem comsigo. Entrando no serralho, perguntou o vice-rei por Branca-Flôr e disseram-lhe que estava na cama um tanto indisposta. Como Branca-Flôr era todo o seu enlevo, elle foi vêl-a ao quarto.

Flores seguiu-o e entrando no aposento o vice-rei approximou-se do leito de Branca-Flôr que se achava de costas voltadas; interrogando-a ácerca do seu estado, ella para responder voltou-se e vendo Flores teve tal abalo que perdeu os sentidos.

O vice-rei vendo aquelle desmaio e não lhe percebendo a causa começou a gritar: — «Acudam que Branca-Flôr morre»! Acudiram as outras mulheres do harem, e applicando á doente algumas aguas aromaticas, ella foi voltando a si e no entretanto nem o vice-rei nem Flores se apartavam da sua cabeceira. Recuperando Branca-Flôr de todo os sentidos, retiraram-se os dous e ella ficou dando tratos á sua imaginação para adivinhar a maneira como Flores descobrira o seu paradeiro e podéra chegar até lá.

No dia seguinte desejando o vice-rei saber da saude de Branca-Flôr, ordenou a Flores que fosse ao serralho e levasse á captiva, da sua parte, um ramo de lindissimas flôres. Incumbiu-o mais de o entregar pessoalmente e de perguntar como ella passára a noite. Flores, valendo-se d'esta occasião favoravel, metteu no ramo um bilhete em que lhe contava o succedido. Chegou ao serralho e communicando a ordem que trazia do vice-rei, entrou acompanhado d'algumas mulheres no quarto de Branca-Flôr e deu o recado do seu senhor. Branca-Flôr recebendo o ramo disse que agradecia muito a fineza e que se sentia n'aquelle dia muito mais alliviada.

Com esta resposta voltou Flores ao vice-rei que se alegrou muito com as melhoras da sua favorita. Quanto a Branca-Flôr, logo que ficou só no seu quarto, olhando cuidadosamente para o ramo reparou no papel e lendo-o, ficou avisada do que devia fazer.

Dous mezes esteve Flores servindo o vice-rei e durante esse tempo foi varias vezes visitar Branca-Flôr, algumas vezes com o amo e outras só. Embora em nenhuma d'essas occasiões tivesse podido fallar-lhe dos seus designios por haver sempre testemunhas á vista, não lhe faltou ensejo para entregar e receber alguns bilhetes por meio dos quaes se participavam o que tinham a fazer para não serem descobertos.

Uma noite em que Branca-Flôr estava descançando tranquillamente no seu leito, gozando a doce esperança de abraçar em breve o namorado e confiar ao seu terno coração os soffrimentos que padecera, ouviu de repente debaixo da sua janella tocar um instrumento. A pobre menina ficou surprehendida, escutou attentamente e reconheceu a voz melodiosa de Flores que cantava o seguinte:

Eis-me emfim, alma querida
Tenho-te emfim a meu lado
Oh! meu archanjo adorado
Oh! vida da minha vida.

Tenho penado e soffrido
Longe do teu doce busto,
Como o franzininho arbusto
Das ventanias batido.

Mas vejo emfim os teus olhos,
Ouço a tua voz divina,
Dôce estrella peregrina
Do meu caminho d'abrolhos.

No teu leito descançada
Tu agora por ventura
Lembras a doce ternura
Da nossa idade passada.

Ou talvez contes chorando
Os minutos, os segundos,
E sonhes com novos mundos
Que vás sonhando, sonhando.

Talvez sonhes no momento
Em que singremos no mar,
De vélas soltas ao vento
A' luz do sol ou do luar.

Para encontrarmos o porto,
A Canaan escondido,
Onde passemos a vida
Sem tedio, sem desconforto.

Partamos, timida Flôr,
Fujamos prestes d'aqui:
A vida é sonho d'amor,
Serei ditoso por ti.

Branca-Flôr continuava a fingir-se doente com o fim de melhor conseguir a fuga que tinha projectado com o seu querido Flores; como o vice-rei a estimava muito, mandou chamar os melhores medicos d'aquella provincia. Examinando-a todos declararam que o unico remedio estava em Branca-Flôr tomar as aguas mineraes d'uma fonte que havia n'uma propriedade do vice-rei pouco distante do mar. Ouvindo esta indicação, mandou o vice-rei que levassem Branca-Flôr para essa propriedade, acompanhada de quatro damas e dous eunuchos. Todas as tardes ia o vice-rei com Flores visitar a enferma que cada dia, por conselho do amante se fingia peor. Na sua inquietação, o vice-rei amiudou mais as visitas de modo que Flores pôde examinar cuidadosamente toda a propriedade.

Perfeitamente preparado e tendo d'antemão avisado Branca-Flôr, por meio d'um bilhete que lhe entregou, uma noite depois de deixar o vice-rei deitado, Flores mandou aviso aos tripulantes do seu navio e dirigiu-se para a estancia da namorada á hora em que segundo o costume todos dormiam já. Lançando uma escada a uma das paredes do jardim, entrou dentro da propriedade e chegando ao sitio onde Branca-Flôr o esperava tomou-lhe a mão e sem serem presentidos por pessoa alguma sahiram pela escada que antes já servira ao pagem.

Vestindo Branca-Flôr outro traje de que Flores se munira, encaminharam-se ambos para a praia.

Porém a má sorte que não deixa de perseguir os desgraçados quiz que um mouro rondasse aquella noite junto da propriedade. Uma das damas que havia acompanhado Branca-Flôr era a amante d'esse mouro que suppondo em Flores um rival, lhe embargou o passo de alfange em punho dizendo:

—Pare e declare-me quem é e o que pretende por este sitio a taes horas.

—Mouro, respondeu Flores procurando alterar a voz para não ser reconhecido, o tempo corre muito para que eu me demore a dar-te explicações.

Pronunciando estas palavras, desembainhou tambem o alfange e investiu contra o mouro que se collocára na defensiva. Começou um encarniçado combate, emquanto a pobre Branca-Flôr em grande anciedade esperava o resultado d'aquelle duello, não duvidando que a victoria coroaria os esforços do seu amado e valoroso Flores por quem dirigia ao céo os votos mais fervorosos. Atacaram-se os dous combatentes sem cessar, aproveitando para as suas accommettidas a escassa claridade da lua que de quando em quando apparecia como que fugindo por entre as nuvens negras.

De repente o mouro deteve-se e disse:

—Demoramo-nos muito; não tardará a romper o dia e encontrar-nos-hão combatendo...

Não pôde proseguir porque a cimitarra de Flores que no ardor da peleja não ouvira as primeiras palavras lhe fendera o craneo. O mouro cahiu moribundo.

Branca-Flôr precipitou-se para o seu afortunado amante, abraçando-o e enchendo-o de ternas caricias.

—Vamos, disse Flores; quando o sol dourar o Oriente já teremos perdido de vista estas plagas.

Dentro em pouco tempo os dous namorados subiam para a embarcação que se fez de vela com vento tão favoravel que quando amanheceu já o navio se achava a muitas leguas de Alexandria.

CAPITULO IX

Desespero e fim desastroso do vice-rei.—Horrivel tempestade que no mar supportaram Flores e Branca-Flôr.—Desembarcaram n'uma ilha deserta onde procuram guarida e alimento.

Na manhã seguinte mandou o vice-rei chamar Flores para ir saber de Branca-Flor, mas a este tempo chegou ao palacio um dos quatro eunuchos que serviam Branca-Flôr com a noticia de que ella desapparecera de noite. Sabendo isto e não vendo apparecer Flores o vice-rei suspeitou que elles houvessem fugido. Enfureceu-se de tal maneira que apenas meio vestido se dirigiu para a sua propriedade da beira-mar, afim de se informar inteiramente da verdade. Foi encontrar n'uma das paredes do jardim a escada que servira para a fuga. Conhecendo a morte do mouro, cujo cadaver fôra encontrado proximo, acabou de se convencer de que Flores raptara Branca-Flôr. Sem demora mandou partir soldados por todas as estradas, offerecendo grandes premios áquelles que descobrissem os fugitivos; porém tudo foi em vão e dentro d'alguns dias regressaram todos os soldados sem trazer a menor noticia dos evadidos.

Vendo o rei que todas as suas diligencias se haviam frustrado, ficou em tal desespero, assaltou-o tamanha furia que sem que ninguem o podesse conter, atirou-se d'uma janella do seu palacio ao jardim, morrendo logo. Por isso não soffreram a pena de morte a que estavam sentenciados os que guardavam Branca-Flôr.

Deixemos o palacio n'esta confusão e voltemos a occupar-nos de Flores e da sua amada que com muita alegria e monsão favoravel seguiam em direcção a Roma.

Flores com o designio de em lá chegando, baptisar-se e casar com Branca-Flôr e ella com o intento de se dar a conhecer aos vassallos de seus paes e tomar posse dos seus Estados.

O sol caminhava para o seu occaso; o ar estava limpo de vapores; o céo limpidissimo e o mar na maior bonança; parecia que tudo annunciava uma prospera viagem ao navio de Flores e Branca-Flôr, o qual deixando á direita as penedias soberbas da ilha de Malta, continuava dirigindo a prôa em direcção á costa de Italia.

Os dous amantes retirados na camara passavam a maior parte do tempo discorrendo sobre varios pontos dos mysterios principaes da nossa santa religião catholica nos quaes Flores se achava já regularmente instruido, ou ante-gosando a sua proxima chegada a Roma. Regosijada n'essa doce ideia, Branca-Flôr exclamava:—«Deus meu! Será certo que afinal conseguirei pisar terra christã, a patria dos

meus desventurados paes? Poderei finalmente, meu amado Flores, gosar ao teu lado uma perfeita tranquillidade, ouvindo-te chamar-me publicamente tua esposa? Sim, minha familia e os meus vassallos não se opporão a que tome este precioso titulo. Ah! como isso será grato ao meu coração!... Quem poderá estorvar agora a nossa ventura?... Seremos immensamente felizes se o Omnipotente proteger os nossos desejos christãos. Que bello futuro nos espera! Não ha duvida que seremos muito ditosos»!

Distrahidos com tão fagueiras esperanças, não haviam reparado que o balouço do navio augmentava muito, porém afinal os bramidos do mar e os brados dos marinheiros que eram christãos captivos, alarmaram-nos de subito. Sahiram da camara a informar-se d'uma desgraça maior do que suspeitavam.

—«Estamos perdidos! exclamou o piloto. Uma tempestade medonha ameaça-nos; não ha remedio senão ferrar as escotas e encommendar-nos a Deus»!

Todos seguiram o seu conselho. N'um instante encheu-se o ar de fogos electricos e o mar rugia temerosamente. Os trovões com o seu horroroso estampido acompanhavam os lamentos dos tristes navegantes que vendo o navio ser joguete dos elementos só esperavam o naufragio e a morte.

A sensivel Branca-Flôr não podendo resistir ao espectaculo de tão eminente perigo, perdeu de todo as forças, cahindo sem sentidos. Flores apressou-se a tomal-a nos braços, exclamando: — «Grande Deus! permitti que eu chegue a terra de christãos e receba o sacramento do baptismo. Que estrella adversa contraria á nossa felicidade. Ah! quanto menos horrorosa me teria sido a morte quando, errante nos desertos, me dirigia a Alexandria em tua procura, minha adorada Branca-Flôr... Agora que iamos ser felizes, vamos perder a vida...»

Apenas acabava de proferir estas angustiosas exclamações, o navio tocou n'um escolho e d'ahi a pouco desapparecia nas ondas. N'aquelle momento o afflictivo e valoroso Flores sem abandonar a sua desfallecida Branca-Flôr e resolvido a succumbir com ella se assim fosse preciso, valeu-se da grande agilidade e destreza que possuia em nadar. Fez quantos esforços lhe eram possiveis, luctando com incrivel valor contra a violencia das vagas; depressa conheceu que as forças lhe fugiam.

Porém quando parecia inevitavel a morte de ambos, quiz a Divina Providencia que por um d'esses acasos que raramente acontecem, a lancha do navio, que ficára á tona d'agua, com um movimento d'onda se approximasse dos naufragos! Aproveitou Flores, no meio do seu desfallecimento, aquelle ensejo milagroso; agarrando-se á lancha como pôde, saltou para dentro d'ella, collocando do modo mais commodo Branca-Flôr que ainda não tinha recuperado os sentidos. Salvaram-se d'este modo as vidas dos nossos dous personagens que foram os unicos a escapar do naufragio, pois todos os seus companheiros de viagem haviam ido ao fundo com o navio.

Vendo-se Flores no meio do mar, n'uma embarcação tão pequena e sem viveres, foi tão intensa a angustia que sentiu que esteve a ponto de cahir tambem desmaiado junto de Branca-Flôr. Porém animando-se e confiando em Deus, levantou os olhos ao céo e com muitas lagrimas pediu ao Senhor que o amparasse em tão duro aperto, pois que não devia permittir que a sua alma se perdesse com o corpo.

Serenou a tempestade afinal e pouco depois descobriu Flores uma ilha para a qual dirigiu o melhor que pôde o barco. Depois de luctar demoradamente contra o furor das vagas conseguiu saltar em terra, levando nos braços Branca-Flôr que ainda não voltara a si do seu desmaio. Flores deitou-a na areia, amarrou a lancha e ajoelhou junto da sua amada dando graças a Deus por os ter livrado da morte que tão de perto os havia ameaçado. A este tempo, soltando um suspiro, Branca-Flôr recuperou os sentidos e olhando para um lado e para o outro como se acordasse d'um sonho perguntou a Flores que sitio era aquelle e o que fôra feito do navio e dos marinheiros. Flores referiu-lhe tudo o que acontecera e Branca-Flôr agradeceu á Providencia, e exhortou o amante a que esperasse que a Protecção Divina os tiraria de tão fundas afflicções.

—Não sinto eu, minha querida Branca-Flôr, os males que me assaltam, porque a tua

companhia me compensa de tudo o que eu possa soffrer. O que lamento é vêr-te n'esta ilha, não sabendo que gente a habita e nós sem a protecção de pessoa alguma, sem roupas, sem dinheiro e o que é peor sem alimento, nem conhecer a maneira de o arranjar. Isto só é que me apoquenta.

Branca-Flôr para animar o namorado e dar-lhe alguma consolação, disse-lhe:

—Não acredites, meu caro Flores, que Deus Misericordioso nos deixe morrer de fome; não faltarão n'esta ilha, se ella não fôr habitada, algumas fructas silvestres com que nos alimentaremos durante o tempo que aqui estivermos. Visto que a nossa sorte assim o quer, tenhamos resignação e succeda o que Deus quizer porque tudo acceitarei com coragem, estando na tua companhia.

N'estes amorosos e ternos colloquios passaram o resto do dia e vendo Flores que a noite se avisinhava, com receio de que algum animal feroz os accommettesse, levou Branca-Flôr para o interior da ilha procurando uma guarida onde se recolhessem, durante a noite.

Ainda não tinham dado duzentos passos quando encontraram um alto penhasco no qual havia uma caverna. Dirigiram-se para alli e tendo examinado cautelosamente a caverna com medo que lá se acoutasse alguma féra, viram que tinham alli um regular albergue para passar a noite. Flôres, desejoso da commodidade de Branca-Flôr apanhou uma porção de lenha e fez com ella uma fogueira que os aquecesse. Depois nas suas camas de feno passaram aquella noite melhor do que o haviam esperado.

Ainda bem não tinha amanhecido, quando Flores, apprehensivo com o sustento que acharia para Branca-Flôr, se levantou collocando-se á entrada da caverna olhando em de redor a ver se descobria uma arvore com fructos. Avistou não muito longe uma grande quantidade de palmeiras que tinham muitas tamaras. Voltou para junto de Branca-Flôr e tomando-lhe a mão para a não deixar só, dirigiu-se com ella para as palmeiras das quaes tiraram muito fructo; com este e com a agua d'uma fonte que jorrava perto do penhasco, saciaram o seu appetite com tanto prazer como se houvessem comido os manjares mais delicados. Em seguida deram de novo graças a Deus pelos beneficios recebidos.

Aquella manhã era das mais formosas; a aurora inflammara já o horisonte e o sol depois de dissipar as trevas da noite estendia os seus raios vivificadores sobre a terra. O mar muito sereno reflectia a côr azul do firmamento, apresentando um aspecto encantador. Tudo, até as proprias aves, parecia celebrar harmoniosamente o apparecimento do sol.

Flores, á vista de tão formosa perspectiva e desejando examinar o sitio que a Providencia lhes destinára para habitar, tomou outra vez a mão de Branca-Flôr e os dous foram percorrer a ilha. Tudo quanto viram os encheu de surpreza e admiração.

A ilha, rodeada de escolhos, só era accessivel n'uma parte na qual as altas penedias formavam uma especie de porto, obra da previdente Natureza.

Não era muito grande a ilha, mas tinha bosques, collinas e frescos e odoriferos valles. Aqui um arvoredo espesso e sombrio convidava o caminhante a entrar e disfructar as delicias do somno. Mais além uma montanha de facil subida deixava vêr do seu cume a extensão do mar. N'outro ponto um regato fugia por entre umas rochas, indo regar um valle frondoso, matizado de varias flores. Mil especies de arvores de fructa, mil de vegetaes uteis disputavam o terreno. Os dous namorados viam com alegria aquellas maravilhas da Natureza, tornando-lhes mais supportaveis as afflicções que aquella solidão devia produzir n'elles. Não poderam descobrir rastro ou indicio de pessoas e só observaram algumas especies de animaes como veados, cabras, lebres, coelhos e outros. Porém tigres, leões, rhinocerontes e outros animaes ferozes não havia na ilha.

—«Que sitio tão aprazivel! exclamava Flores. Que variedade de productos naturaes! Sem duvida esta é a ilha do Paraizo!... Porém que sorte desgraçada a nossa se estamos destinados a passar o resto dos nossos dias separados dos outros mortaes! Oh! Providencia! conheço a tua mão protectora que nunca se descuida de ninguem. Confiemos pouco na tua Divina Protecção que decerto não nos abandonará».

Effectivamente nunca lhes faltou com que se alimentassem, já com a variedade de fructos saborosos que em abundancia produziam aquellas arvores, já com os ovos de tartaruga que encontravam á beira-mar e já com os mariscos e aves que podiam agarrar, assando estas do melhor modo possivel. D'esta fórma estiveram os dous amantes uns dous mezes n'aquella ilha e durante esse tempo não deixou Branca-Flôr de instruir o namorado nos Mandamentos e preceitos da lei de Deus. Uns dias passeavam no interior da ilha e outros permaneciam á beira do mar a vêr se descobriam alguma embarcação que podésse tiral-os d'aquelle captiveiro.

CAPITULO X

Estando uma tarde Branca-Flôr e Flores á beira-mar avistaram uma embarcação de christãos. —Na sua lancha se dirigiram ao navio onde foram recebidos.—Chegaram a Roma onde Flores se baptisou e effectuou-se o seu casamento com Branca-Flôr.

Uma tarde, estando os dous sentados á beira-mar, discorrendo sobre os passados e presentes infortunios, reparou Branca-Flôr n'uma embarcação que se descobria ao longe; perguntou a Flores se conheceria de que nação era. Não pôde elle dizel-o logo, mas tendo-se approximado mais o navio reconheceu Flores que era de christãos. Vendo que o rumo da embarcação não era para a ilha, resolveu não deixar perder a occasião. Depois de se encommendar a Deus, os dous metteram-se á pressa na lancha, fiados na tranquillidade do mar e dirigiram-se para o navio.

O capitão d'este descobriu ao largo aquella pequena embarcação da qual não cessavam de fazer signaes, como pedindo soccorro com um panno ou lenço branco. Movido de compaixão, mandou desviar um pouco o curso ao navio. Logo que ficou mais perto da lancha, viu que n'esta só estavam duas pessoas ás quaes perguntou o capitão o que precisavam. Respondeu-lhe Branca-Flôr, pedindo-lhe que por amor de Deus os recolhesse a bordo e promettendo-lhe pagar generosamente a passagem. O capitão movido mais pela caridade do que pelo interesse, mandou descer a escada pela qual os dous entraram no navio onde foram muito bem recebidos.

O capitão e a outra gente do navio que era uma embarcação merçante franceza e vinha de Constantinopla, ficaram admirados ao vêr aquelles dous jovens em trage ottomano e não atinavam como podiam andar navegando por aquellas aguas, sós e em tão fragil barco. A sua mocidade e maneiras graciosas chamaram muito particularmente a attenção do capitão, excitando ao mesmo tempo a sua curiosidade. Decidiu-se desde logo a satisfazer os desejos d'ambos, resolvendo-se a collocal-os sob a sua protecção, e a deixal-os no porto de mar que lhes conviesse. Immediatamente mandou-os recolher a commodos camarotes, junto do d'elle, onde repousaram das fadigas recentes.

Não deixava o capitão de pensar no meio mais opportuno para inquirir a explicação de todas as aventuras acontecidas aos seus protegidos e não duvidava ao mesmo tempo de que em breve se apresentaria occasião favoravel para ficar satisfeito, mórmente tendo elle a vantagem de conhecer o idioma turco.

Teriam passado duas horas depois de Flores e Branca-Flôr se haverem recolhido quando receberam um recado do capitão para que fossem comer á sua meza. Flores respondeu que acceitava reconhecidissimo aquella honraria. Tomando a mão de Branca-Flôr apresentou-se na camara do capitão com aquella finura e urbanidade nada vulgares que tinham surprehendido o capitão e toda a sua gente.

Sentaram-se á meza e fallou-se muito especialmente ácerca dos enfeitiçamentos do bello sexo. Ninguem ignora a delicadeza e amabilidade do trato de todos os francezes, e por conseguinte é muito facil adivinhar que a belleza de Branca-Flôr foi motivo de calorosos elogios. Ella ruborisava-se de envergonhada o que a fazia ainda mais bonita e Flores como homem pouco habituado áquella linguagem lisongeira, esteve mais d'uma vez quasi a irritar-se. Porém a sua prudencia conteve-o e elle póde dissimular perfeitamente o seu mal-estar.

Terminado o jantar e ficando a sós com o capitão que apesar de novo era socegado e cordato, d'umas a outras questões chegou a conversa a tratar da causa que motivara aquelle encontro no mar; como para receber segredos alheios é necessario estabelecer amisade e esta se cria com confidencias, o capitão que

durante o jantar admirara a intelligencia de Flores e observára o acerto com que havia fallado não podia convencer-se que aquelle joven a não pertencer a uma classe elevada, tivesse recebido tão fina educação em Africa. Por isso disse com aquella franqueza que caracterisa os homens do mar:

—Permitta-me, Flores, que eu queira confirmar umas duvidas que desde o primeiro momento da sua chegada me preoccupam o espirito. Quando os convidei a jantar á minha meza, esperava vêr uns mouros incivis e grosseiros. Porém enorme foi a minha surpreza e a dos meus companheiros ao encontral-os tão delicados e instruidos. Por isso não me resolvo a crêr que essa educação fosse adquirida em paizes onde a falsa religião conserva a barbaria pois que Mafoma prohibiu absolutamente estudar a Natureza, as sciencias e as artes. Estamos sós! póde confiar-me o seu segredo porque o guardarei como homem de honra e auxiliarei a ambos em tudo o que me fôr permittido. Para o animar, vou contar-lhe os factos da minha vida que tem sido bastante aventurosa.

As palavras do capitão deixaram surprehendido Flores que vendo um caracter tão franco e bondoso, prometteu contar-lhe tudo e passar assim em boa palestra a ociosidade da viagem. Os tres entretiveram com effeito os dias com a narração das suas aventuras, fazendo primeiramente o capitão a sua historia.

Não o seguiremos na sua narração, embora a sua leitura fosse interessante, porém separar-nos-hiamos demasiado do curso do presente conto.

Terminou o capitão a historia das suas extraordinarias aventuras que deixaram admirados Flores e Branca-Flôr que não imaginavam que em terra tão adiantada como a Europa imperassem de tal maneira a violencia das paixões e a força da intriga. Não podiam os dous perceber como a civilisação ao mesmo tempo que aperfeiçoa o homem, fazendo-o brilhar pelas suas virtudes, o torna em certas circumstancias um monstro mais terrivel do que aquelles que o deserto produz.

N'esta ideia se acalorava a imaginação de Flores quando o capitão lhe recordou a promessa que lhe fizera de lhe referir a historia dos seus infortunios do principio ao fim. Depois de soltar um suspiro, começou a sua narrativa, assegurando ao capitão que se propunha abjurar a fé mahometana e entrar no gremio da Igreja Catholica logo que chegasse a terra de christãos.

Assim, em amigavel conversa, se passou a maior parte da viagem que durou pouco mais de vinte dias ao cabo dos quaes chegaram a Roma com toda a felicidade. Saltando a terra, deu Branca-Flôr ao capitão em agradecimento pelos muitos favores recebidos, um annel de inestimavel valor, despedindo-se os dous do maritimo, offerecendo-lhe uma amizade sincera.

Branca-Flôr deu-se a conhecer aos seus vassallos, mostrando um annel e outras joias que haviam pertencido a seu pae e um attestado assignado por sua mãe pouco antes de morrer e que ella milagrosamente podéra salvar do naufragio.

Com estas indicações de boa fé e com a semelhança da menina com Topazia todos a reconheceram como legitima herdeira dos Estados de seus paes.

Informados da alta gerarchia de Flores que desejava baptisar-se, submetteram-no a exame em varios pontos da nossa religião catholica, considerando-o afinal apto a receber o sacramento do baptismo que lhe foi ministrado no dia de Natal n'uma das igrejas mais concorridas de Roma, servindo de padrinhos os parentes mais chegados de Branca-Flôr. No dia de Reis, receberam os dous a benção do santo matrimonio, havendo nos seus Estados grandes festas e regosijos.

Os dous esposos tiveram muitos filhos que instruiram nos bons principios da moral e com elles disfructaram a paz, a abundancia e a alegria que lhes tinham chegado emfim como premio a tantas desventuras, trabalhos e perigos de que a Providencia os tirára para exemplo e esperança dos desgraçados.

FIM.